

Cacau

Maria de Fátima Vidal
Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural
Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste
Banco do Nordeste do Brasil
fatimavidal@bnb.gov.br

Resumo: A produção mundial de cacau está concentrada nos países da África Ocidental. O Brasil responde por pequena parcela da produção e do comércio global do produto, entretanto, possui a vantagem de abranger todos os elos da cadeia: produção, moagem e indústria chocolateira. A partir de 2024, houve uma escalada da cotação internacional do cacau, situação provocada por safras consecutivas insuficientes para atender à demanda. Em 2025, as condições climáticas nos principais países produtores foram melhores, mas ainda há incertezas quanto ao volume de produção, e os estoques continuam baixos. Portanto, os preços devem continuar em patamares elevados. Por outro lado, a demanda por chocolate no mundo já começa a dar sinais de enfraquecimento. No Brasil, os elevados preços do cacau impulsionam os investimentos na cultura, inclusive com expansão da área em regiões de Cerrado e Caatinga, onde a cultura é cultivada com maior emprego de tecnologia. O Sul da Bahia concentra a produção de cacau na área de atuação do BNB, com predominância de pequenos produtores que empregam baixo nível de tecnologia e são tomadores de preço. Os principais desafios do setor estão relacionados à eficiência produtiva, qualidade das amêndoas, rastreabilidade, sustentabilidade e rentabilidade do produtor.

Palavras-chave: Nordeste; cacau; produção; mercado.

1 Cenário Global para Produção de Cacau

Os principais produtores mundiais de cacau são a Costa do Marfim e Gana, que juntos respondem por aproximadamente metade da produção mundial. Na safra 2023/24, estima-se que foram produzidas 4,8 milhões de toneladas de amêndoas de cacau no mundo. Para a safra 2024/25, a previsão é de que a produção mundial cresça 7,8% em decorrência da melhora nas condições climáticas. Na Costa do Marfim, é esperada alta de 10,5% e, em Gana, de 13,2%, o que amenizará a situação de déficit global

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Rogério Sobreira Bezerra (Economista-Chefe) Allison David de Oliveira Martins (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Biagio de Oliveira Mendes Junior, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Maria de Fátima Vidal, Marta Maria Aguiar Sisnando Silva. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo), Carlos Henrique Alves de Sousa, Márcia Melo de Matos, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Breno Pereira Aragão, Rhian Erik Magalhães Barboza, Rodrigo Donato Paes e Tamires Pimentel Torres (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

do produto, que já vinha ocorrendo desde a safra 2021/22. Nas Américas, o Equador é o maior produtor com 9,6% da produção mundial na safra 2023/24, o Brasil é o segundo maior produtor das Américas com 4,5% da produção global (**Tabela 1**).

Tabela 1 – Maiores produtores mundiais de cacau (Em mil toneladas)

Área produtora	Safras						Var. (%) (a/b)	Part. (%) 2023/24
	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24 (a) ⁽¹⁾	2024/25 (b) ⁽²⁾		
África	3.549	4.056	3.589	3.714	3.201	3.462	8,2	71,3
Costa do Marfim	2.105	2.248	2.121	2.241	1.674	1.850	10,5	37,3
Gana	771	1.047	683	654	530	600	13,2	11,8
Camarões	280	292	295	270	320	320	-	7,1
Nigéria	250	290	280	315	350	350	-	7,8
Outros	143	178	210	234	327	342	4,6	7,3
Américas	909	935	973	1.075	1.013	1.079	6,5	22,6
Equador	342	365	365	454	430	480	11,6	9,6
Brasil	201	200	220	220	200	210	5,0	4,5
Outros	366	369	388	401	383	389	1,6	8,5
Ásia e Oceania	283	254	265	253	275	300	9,1	6,1
Indonésia	200	170	180	160	180	200	11,1	4,0
Papua Nova Guiné	41	42	42	43	45	45	-	1,0
Outros	42	42	43	50	50	55	10,0	1,1
Mundo	4.741	5.245	4.826	5.042	4.489	4.841	7,8	100,0

Fonte: ICCO (2025).

Notas: 1) Estimativa; 2) Previsão.

Em 2023, as exportações de amêndoas de cacau no mundo somaram US\$ 9,8 bilhões. A Costa do Marfim é o maior exportador global com 34% do mercado mundial, e o país possui também grande fatia do mercado de produtos de cacau, 16,5% do volume e 16% do valor em 2023 (**Tabela 2**).

A União Europeia é o maior importador mundial de amêndoas, reexportando produtos com maior valor agregado, pois possui grande número de indústrias de moagem. De acordo com dados do ICCO (2025), na safra 2023/24, os países europeus foram responsáveis por 35,8% da moagem mundial. Em 2023, a UE respondeu por 54,7% do volume importado de amêndoas de cacau no mundo e por 51,1% dos produtos de cacau. Nesse mesmo ano, deteve 47,7% do mercado global de produtos de cacau (**Tabelas 2 e 3**).

É importante para os países exportadores ter em mente que, a UE proíbe a entrada de diversos produtos no Bloco que tenham sido produzidos em áreas de desmatamento. O regulamento sobre produtos livres de desmatamento da União Europeia (EUDR), se aplica a produtos como cacau, soja, café, madeira, borracha, carne bovina e óleo de palma.

Isoladamente, os Estados Unidos representam o maior mercado para produtos de cacau no mundo, tendo sido responsáveis por 10,9% do valor das importações em 2023 (**Tabela 3**). A participação do Brasil, tanto no mercado de amêndoas quanto de produtos do cacau é baixa.

Tabela 2 – Maiores exportadores mundiais de cacau e seus produtos em 2023

Países	Amêndoas				Países	Produtos do cacau			
	Toneladas	Part (%)	1000 US\$	Part (%)		Toneladas	Part (%)	1000 US\$	Part (%)
Costa do Marfim	1.339.307	35,2	3.327.972	34,0	Países Baixos	824.999	23,2	3.644.201	25,8
Gana	433.288	11,4	1.107.356	11,3	Costa do Marfim	584.437	16,5	2.262.238	16,0
Equador	398.870	10,5	1.062.053	10,8	Alemanha	339.328	9,6	1.320.372	9,3
Nigéria	329.105	8,6	805.148	8,2	Malásia	335.677	9,4	1.144.822	8,1

Países	Amêndoas				Países	Produtos do cacau			
	Toneladas	Part (%)	1000 US\$	Part (%)		Toneladas	Part (%)	1000 US\$	Part (%)
Bélgica	219.927	5,8	691.792	7,1	Indonésia	303.520	8,5	1.085.141	7,7
Países Baixos	202.036	5,3	594.041	6,1	França	174.046	4,9	870.427	6,2
Camarões	274.380	7,2	546.971	5,6	Gana	229.661	6,5	763.514	5,4
Malásia	104.371	2,7	260.725	2,7	Singapura	83.026	2,3	348.250	2,5
Peru	71.272	1,9	224.982	2,3	Espanha	89.946	2,5	318.823	2,3
República Dominicana	66.012	1,7	192.672	2,0	EUA	59.776	1,7	268.499	1,9
Demais	368.192	9,7	985.353	10,1	Demais	527.962	14,9	2.115.648	15,0
Mundo	3.806.759	100,0	9.799.065	100,0	Mundo	3.552.378	100,0	14.141.935	100,0
União Europeia	443.309	11,6	1.360.909	13,9	União Europeia	1.573.446	44,3	6.749.194	47,7

Fonte: FAO (2025).

Tabela 3 – Maiores importadores mundiais de cacau e seus produtos em 2023

Países	Amêndoas				Países	Produtos do cacau			
	Toneladas	Part (%)	1000 US\$	Part (%)		Toneladas	Part (%)	1000 US\$	Part (%)
Países Baixos	898.771	22,9	2.399.167	21,5	EUA	361.754	10,7	1.520.503	10,9
Malásia	533.013	13,6	1.492.583	13,4	Alemanha	327.185	9,7	1.469.792	10,6
Alemanha	435.293	11,1	1.340.034	12,0	Países Baixos	334.819	9,9	1.265.620	9,1
Bélgica	325.919	8,3	976.874	8,7	Bélgica	244.112	7,2	1.082.440	7,8
EUA	269.073	6,9	804.139	7,2	França	222.774	6,6	923.495	6,6
Indonésia	276.683	7,1	732.283	6,6	Polônia	135.524	4,0	651.696	4,7
França	147.057	3,8	476.851	4,3	Itália	128.931	3,8	587.759	4,2
Canadá	125.999	3,2	359.151	3,2	Reino Unido	94.113	2,8	456.776	3,3
Itália	101.266	2,6	320.016	2,9	China	109.190	3,2	400.495	2,9
Turquia	120.517	3,1	315.098	2,8	Espanha	116.745	3,5	373.256	2,7
Demais	687.303	17,5	1.960.840	17,5	Demais	1.296.462	38,5	5.158.688	37,1
Mundo	3.920.895	100,0	11.177.036	100,0	Mundo	3.371.610	100,0	13.890.520	100,0
União Europeia	2.113.904	53,9	6.110.220	54,7	União Europeia	1.678.905	49,8	7.093.500	51,1

Fonte: FAO (2025).

2 Cenário Brasileiro para Produção de Cacau

O Brasil já foi um dos maiores produtores de cacau do mundo. No início da década de 1980, respondia por aproximadamente 20% da produção global. No entanto, a chegada da doença vassoura-de-bruxa, em meados dos anos 80, devastou as plantações na Bahia. A partir de então, a produção brasileira decresceu em contraste com o contínuo crescimento da produção global. Assim, a participação do Brasil no mercado mundial despencou a partir do início da década de 1990 e, apesar dos esforços despendidos desde então, a produção ainda não se recuperou.

O cacau no Brasil é produzido predominantemente por pequenos agricultores. De acordo com o último Censo Agropecuário (IBGE, 2017), 80% dos estabelecimentos são familiares. A maior área de cacau no Brasil está na Bahia (69,5%), contudo, o Pará, com 26,4% do plantio nacional, foi responsável em 2023, por 46,8% da produção, devido à sua maior produtividade. Enquanto no Pará o rendimento médio foi de 856 kg/hectare, atribuído a solos férteis e bons materiais genéticos, na Bahia foi de apenas 326 kg/ha (Tabelas 4), em grande medida, devido ao impacto duradouro da doença “vassoura de bruxa”, que resultou na diminuição da densidade de plantas por hectare; também tem contribuído para a baixa produtividade do cacau no sul da Bahia, a ocorrência de secas periódicas, a falta de manejo adequado, a idade elevada das plantas e os solos empobrecidos, resultado do longo período de exploração sem a adequada reposição dos nutrientes. Vale ressaltar que nas áreas não tradicionais da Bahia, onde o cultivo de cacau está sendo conduzido sob irrigação e com maior emprego de tecnologia,

a produtividade é bem mais elevada, a exemplo do Extremo Oeste Baiano, onde a média em 2023 foi de 1.775 kg/ha.

Tabela 4 – Área destinada à colheita, rendimento, produção e valor de produção do cacau no Brasil em 2023

Regiões/UF	Área		Rend. kg/ha.	Produção		Valor	
	Mil ha.	%		Mil ton.	%	Milhões R\$	%
Norte	170,4	27,8	847	144,3	48,7	2.082,1	44,9
Rondônia	7,4	1,2	680	5,1	1,7	66,5	1,4
Pará	161,9	26,4	856	138,5	46,8	2.009,8	43,4
Nordeste	425,9	69,5	326	139,0	46,9	2.356,6	50,9
Bahia	425,9	69,5	326	139,0	46,9	2.356,4	50,9
Sudeste	15,8	2,6	780	12,3	4,2	187,6	4,0
Espírito Santo	15,7	2,6	778	12,2	4,1	185,5	4,0
Centro-Oeste	0,8	0,1	654	0,5	0,2	7,4	0,2
Mato Grosso	0,8	0,1	654	0,5	0,2	7,4	0,2
Brasil	612,9	100,0	483	296,1	100,0	4.633,7	100,0

Fonte: PAM - Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE, 2025).

Entre 2014 e 2023, a área cultivada com cacau na Bahia foi reduzida em 22,2%. A constante retração nas áreas, aliada aos menores rendimentos, fizeram com que a produção decaísse 13,7% nesse mesmo período. A partir de 2021, houve recuperação da área e do rendimento/hectare da cultura no Estado, assim, em 2023, a Bahia voltou a produzir mais cacau do que o Pará.

No Sudeste, a produção de cacau está concentrada no Espírito Santo, mais especificamente no Norte do Estado, na área de atuação do BNB. No Centro-Oeste também já existem plantios experimentais de cacau.

A Bahia possui quase toda a área cultivada com cacau na área de atuação do BNB (96,6%). A produção se concentra no Sul do Estado, com o predomínio do cultivo no sistema cabruca¹, agroecossistema que contribui para a conservação do bioma Mata Atlântica. Além da diversificação da produção, esse sistema é importante para a recuperação de áreas degradadas.

O sistema cacau cabruca promove a conservação da biodiversidade da flora e da fauna, sendo responsável por aproximadamente 80% da área de cacau da Bahia e do Espírito Santo. Entretanto, o sistema atual possui baixa produtividade, atribuída a pequena capacidade produtiva (genética, plantas velhas e baixa densidade), pouco investimento em nutrição e luminosidade insuficiente, pois a mata se regenerou; além disso, a área não permite mecanização, sendo dependente de mão de obra.

Nos últimos anos, tem sido observada, ainda, a expansão do cultivo do cacau para áreas não tradicionais, a exemplo dos cerrados, onde o cacau é cultivado a pleno sol com uso intensivo de tecnologia, que contribui para a alta produtividade obtida nos cultivos.

Na área de atuação do BNB, além da Bahia, apenas o Espírito Santo possui produção de cacau relevante atualmente. Em 2023, os municípios do Espírito Santo atendidos pelo BNB, detinham apenas 3,4% da área cultivada com cacau, mas contribuía com 7,8% da produção de cacau na região, devido a maior produtividade, 799 kg/ha.

Em 2023, a área destinada à colheita de cacau na jurisdição do BNB ficou praticamente estagnada em relação a 2022, mas houve recuperação da produtividade, especialmente no Espírito Santo e em Minas Gerais, com crescimento da produção de 1,7%; esse resultado, juntamente com a escalada dos preços do produto, aumentou em 18,2% o valor da produção.

Em 2024, houve redução no volume de recebimento de amêndoas por parte da indústria, o que indica que pode ter ocorrido quebra de produção de cacau nesse ano, com efeito, as regiões produtoras enfrentaram fatores climáticos adversos e incidência de pragas.

¹ Sistema onde se cultiva o cacau sob o dossel de árvores nativas da Mata Atlântica.

Tabela 5 – Área destinada à colheita com cacau na jurisdição do BNB (Em hectares)

Regiões/UF	2019	2020	2021	2022	2023	Var (%)	Part (%)
Nordeste	413.065	410.678	423.265	424.745	425.902	0,3	96,6
Ceará	-	2	9	7	7	-	0,0
Bahia	413.065	410.676	423.256	424.738	425.895	0,3	96,6
Minas Gerais*	133	123	128	136	136	-	0,0
Espírito Santo*	16.290	16.478	16.494	14.718	14.848	0,9	3,4
Área de atuação do BNB	429.488	427.279	439.887	439.599	440.886	0,3	100,0

Fonte: PAM - Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE, 2025).

Tabela 6 – Produtividade média de cacau na Área de atuação do BNB

Regiões/UF	2019	2020	2021	2022	2023	Var (%)
Nordeste	274	262	325	325	326	0,3
Ceará	-	2.500	2.444	1.571	1.286	-18,1
Bahia	274	262	325	325	326	0,3
Minas Gerais	876	921	921	860	916	6,5
Espírito Santo	719	731	773	799	841	5,3
Área de atuação do BNB	623	638	673	661	694	5,0

Fonte: PAM - Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE, 2025).

Tabela 7 – Produção de cacau na área de atuação do BNB (Toneladas)

Regiões/UF	2019	2020	2021	2022	2023	Var (%)	Part (%)
Nordeste	113.065	107.504	137.644	138.162	139.020	0,6	92,2
Ceará	-	5	22	11	9	-18,2	0,0
Bahia	113.065	107.499	137.622	138.151	139.011	0,6	92,1
Minas Gerais*	104	104	108	125	124	-0,8	0,1
Espírito Santo*	10.624	10.889	11.115	10.039	11.716	16,7	7,8
Área de atuação do BNB	123.793	118.497	148.867	148.326	150.860	1,7	100,0

Fonte: PAM - Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE, 2025).

Tabela 8 – Valor da produção de cacau na área de atuação do BNB entre 2019 e 2023 (Mil R\$)

Regiões/UF	2019	2020	2021	2022	2023	Var (%)	Part (%)
Nordeste	1.151.795	1.314.407	1.820.377	2.029.939	2.356.551	16,1	92,9
Ceará	-	73	267	135	181	34,1	0,0
Bahia	1.151.795	1.314.334	1.820.110	2.029.804	2.356.369	16,1	92,9
Minas Gerais	733	1.023	1.427	1.556	2.025	30,1	0,1
Espírito Santo	112.117	130.061	156.413	115.203	178.475	54,9	7,0
Área de atuação do BNB	1.264.645	1.445.491	1.978.217	2.146.698	2.537.051	18,2	100,0

Fonte: PAM - Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE, 2025).

2.1 Expansão do cultivo do cacau para biomas não tradicionais na área da atuação do BNB

A Ceplac² tem apoiado, por meio de parcerias, a expansão da cacauicultura para biomas não tradicionais, em especial no Cerrado e no Semiárido, contemplando os estados de Roraima, Amapá, São Paulo, Ceará, Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Tocantins e Mato Grosso (MAPA, 2022). A Embrapa vem realizando seleção de variedades de cacau para o cultivo em diferentes regiões não tradicionais.

A cacauicultura em áreas não tradicionais adota um sistema de produção mais voltado para a fruticultura irrigada, com ênfase na nutrição, mecanização, manejo de solos, mão de obra mais tecnicizada, rastreabilidade, controle fitossanitário, manejo (poda), genética e mudas de qualidade.

² Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira.

O clima seco nas regiões de Cerrado e Semiárido exerce um controle fitossanitário natural, sendo uma zona de escape a doenças fúngicas, além de facilitar a secagem das amêndoas. Nas áreas irrigadas, os produtores geralmente possuem maior capacidade e perfil de investimento em inovação.

Entretanto, ainda existem muitos pontos críticos para o estabelecimento da cultura em áreas não tradicionais, o processo de desenvolvimento de tecnologias para o cultivo do cacau no Cerrado e Semiárido ainda está em curso, falta mão de obra qualificada, assistência técnica e os custos com mecanização agrícola, irrigação e fertirrigação são elevados.

2.1.1 Cerrado

O Cerrado possui grande potencial para a expansão da cacauicultura, pois possui grandes extensões de terras planas adequadas à mecanização, água disponível para irrigação, solos profundos e clima desfavorável à incidência de doenças fúngicas, a exemplo da vassoura de bruxa. Na Bahia, em contraste com a redução de áreas nas regiões tradicionais, há tendência de crescimento dos plantios nos cerrados com o emprego de maior nível tecnológico, com práticas modernas que incluem: irrigação, manejo de solos, nutrição, controle fitossanitário e maior densidade de plantio, que conferem maiores produtividades. No município de Riachão das Neves, por exemplo, onde o cacau é cultivado com irrigação e a pleno sol, o rendimento médio em 2023 foi de 1.969 kg/ha. A região conta com produtores de mudas, boa capacidade de organização da cadeia e qualidade técnica.

2.1.2 Semiárido

Resultados de pesquisas do cultivo de cacau no bioma Caatinga na Bahia, no Ceará e no Norte de Minas têm se mostrado promissores, representando uma alternativa de diversificação dos cultivos irrigados, especialmente em consórcio com outras culturas, a exemplo da bananeira e do coqueiro.

No Ceará, as pesquisas com espécies frutíferas de climas temperado e tropical foram iniciadas pela Embrapa em 2009 em parceria com a Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (Adece), com o BNB e com a União dos Agronegócios no Vale do Jaguaribe (Univale), as quais tiveram por objetivos introduzir e avaliar o desempenho agrônômico e a qualidade dos produtos dessas espécies em função da competitividade econômica, das perspectivas de inclusão social, preservação ambiental, geração de renda e agregação de valor aos produtos. Em 2022, a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - CEPLAC/MAPA publicou nota técnica com o objetivo de apresentar ao Banco do Nordeste, os clones de cacau que tiveram os melhores desempenhos no Ceará, e que podem ser financiados em novos projetos de implantação da cultura no Estado. Vale salientar que a Ceplac reconhece a viabilidade técnica do cultivo do cacau no Ceará, exclusivamente, para áreas que tenham as mesmas condições edafoclimáticas do perímetro público irrigado do Tabuleiro de Russas, onde foram realizadas as pesquisas (SODRÉ, 2017).

Figura 1 – Área experimental com cacau no perímetro irrigado Tabuleiro de Russas, Ceará (2013)



Créditos: da autora.

De acordo com dados do IBGE (LSPA, dez. 2024), existem no Ceará 64 hectares de cacau em produção, sendo 57 irrigados e 7 de sequeiro. A lavoura de sequeiro parece estar estagnada, pois não há registro de área em formação, por outro lado, a área irrigada está se expandindo na região norte do Estado onde existem 65 hectares em formação, **(Tabela 9)** consorciados com coqueiro **(Figura 2)**. Em 2023, foram produzidas 22 toneladas de cacau no Ceará, e em 2024, a produção subiu para 150 toneladas. A produtividade média no perímetro irrigado do Baixo Acaraú, em 2024, foi de 3 t/ha (IBGE, 2024).

Figura 2 – Plantio de cacau consorciado com coqueiro no perímetro irrigado Baixo Acaraú, Ceará (2025)



Créditos: da autora.

Tabela 9 – Área cultivada com cacau irrigado e de sequeiro no Ceará em 2024 (Em ha)

Irigada/sequeiro	Município	Colhida	Em formação	Subtotal
Área irrigada	Acaraú	47	-	47
	Bela Cruz	8	52	60
	Marco	-	13	13
	Guaramiranga	2	-	2
	Pacoti	-	2	2
	Subtotal		57	67
Área sequeiro	Quixeré	3	-	3
	Russas	4	-	4
	Subtotal	7	-	7
Subtotal	Acaraú	47	-	47
	Bela Cruz	8	52	60
	Marco	-	13	13
	Quixeré	3	-	3
	Russas	4	-	4
	Guaramiranga	2	-	3
	Pacoti	-	2	2
Total geral		64	67	131

Fonte: LSPA - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (IBGE, 2024).

A produção de cacau no Semiárido da Bahia representa uma nova fronteira para a cacauicultura baiana. Muitas iniciativas na região têm mostrado viabilidade econômica. A CEPLAC/CEPEC tem desenvolvido pesquisas científicas com a cultura nessas áreas e acompanhado os cultivos. De acordo com dados do IBGE (2025), em 2023, a área cultivada com cacau no Semiárido baiano foi de 31.306 hectares em 24 municípios, com produção de 11 mil toneladas, e a produtividade variou de 267 kg/ha em Iitoró, até 1.000 kg/ha em Utinga.

Em Sergipe, o cultivo do cacau é relativamente recente, os primeiros plantios de cacau no Estado datam de 2008, na região citrícola nas regiões do Sul e Centro-Sul do Estado. O Governo tem oferecido suporte técnico aos produtores por meio da Emdagro³ que possui convênio de cooperação técnica com pesquisadores da Ceplac. Em 2024, a Emdagro iniciou o processo de credenciamento para a produção de mudas certificadas de cacau junto ao Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). As regiões do Centro-Sul e Sul possuem como vantagens para o cultivo de cacau às semelhanças com as condições da região produtora do sul da Bahia, como: a elevada precipitação, de 1.200 a 1.400 milímetros, solos profundos e topografia suavemente ondulada. De acordo com a Emdagro (2025), em 2024, a cultura ocupou 32,4 hectares no Estado, distribuídos nos municípios de Arauá, Boquim, Estância, Lagarto, Itaporanga, Indiaroba, Itabaianinha, Santa Luzia e Umbaúba. Os plantios são irrigados e em consórcio com diferentes culturas, como banana, cajá, mandioca e mamão. Também já existem pequenas áreas a pleno sol. Os canais de comercialização estão se estruturando; há intermediários no Estado que compram a produção dos pequenos produtores e levam para a Bahia.

Da mesma forma, há cultivos de cacau consorciado com coqueiro em Alagoas, e a expectativa é de que a produção em 2025 atinja 5 toneladas. Recentemente foi inaugurada a Cooperativa dos Produtores de Cacau de Alagoas (Coopcacau) e existe uma fábrica de chocolate no município de Matriz do Camaragipe.

No Norte de Minas, os primeiros estudos com a cultura do cacau foram realizados em 2011 pela Unimontes (Universidade Estadual de Montes Claros) e desde então, vêm sendo realizadas diversas pesquisas para o desenvolvimento de tecnologias, adequação do manejo e seleção de genótipos adaptados às condições climáticas da Região. Os resultados têm sido promissores com a obtenção de alta produtividade em cultivos a pleno sol com uso de irrigação e demais tecnologias indicadas pelas pesquisas. Os bons resultados estão impulsionando o investimento na cultura. A estimativa é de que já existem aproximadamente 400 hectares implantados com a cultura na região.

3 Cadeia Produtiva e Comercialização

O Brasil se destaca no cenário mundial do setor produtivo de cacau por reunir todos os elos da cadeia produtiva (produção de amêndoas, moagem e indústria chocolateira), sendo também um grande consumidor de chocolate. No início da cadeia produtiva do cacau se encontra a produção de insumos agrícolas (mudas, fertilizantes, defensivos e outros) e, na sequência, está o produtor de cacau. A produção no Brasil é bastante pulverizada, de acordo com o IBGE (2017), existem no País mais de 93 mil propriedades.

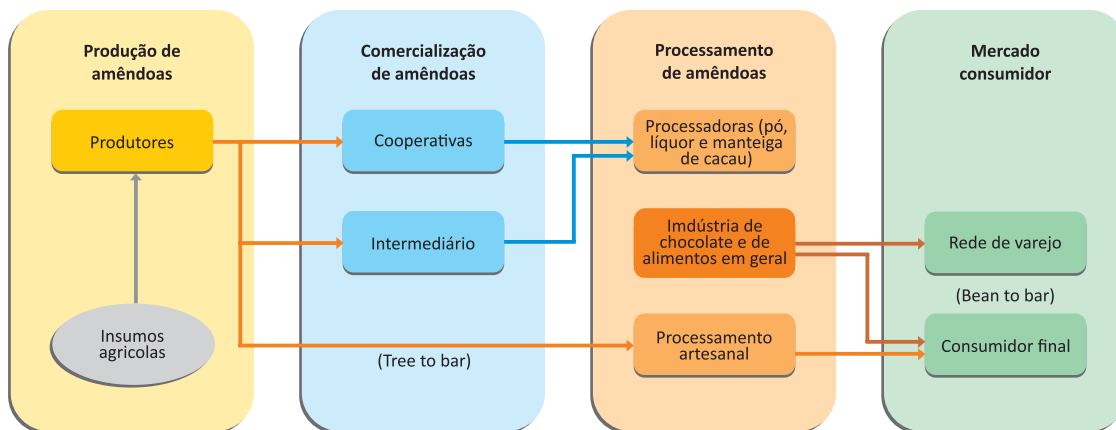
Grande parte do volume produzido de amêndoas é vendida para intermediários ou para os armazéns e parte é destinada diretamente para a indústria processadora. O produtor de cacau pode ainda processar suas amêndoas e vender o chocolate diretamente para o consumidor final. Essa prática denomina-se *tree to bar* (da árvore até a barra), quando os fabricantes de chocolate adquirem a amêndoa e vendem seu produto para o consumidor, a prática denomina-se *bean to bar* (da amêndoa à barra) (**Figura 3**).

A indústria processadora de cacau no Brasil está concentrada na Bahia, que conta com multinacionais instaladas em Ilhéus (BA) sendo a responsável por produzir líquido, pó e manteiga de cacau. Esses produtos são comercializados para a indústria de chocolate e de alimentos em geral e nessas fábricas, os subprodutos do cacau são usados na produção de chocolate, biscoito, achocolatados etc.

O parque industrial chocolateiro no Brasil está localizado nas regiões Sudeste e Sul do Brasil e é dominado por empresas de capital estrangeiro. Algumas regiões não tradicionais na produção de cacau já estão produzindo chocolate, no Ceará, no cerrado baiano e em Alagoas.

³ Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe.

Figura 3 – Esquema simplificado da cadeia produtiva do cacau no Brasil



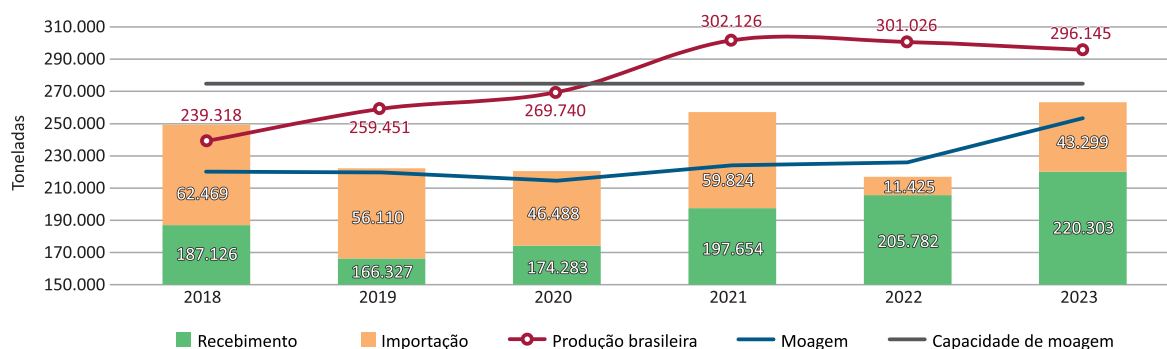
Fonte: adaptado de AIPC (2021).

De acordo com a Associação Nacional da Indústria Processadora de Cacau (AIPC, 2021), a indústria moageira instalada no Brasil possui capacidade para processar 275 mil toneladas de amêndoas de cacau por ano, no entanto, a média de recebimento de amêndoas no Brasil entre 2020 e 2024 foi de 195 mil toneladas, justificando assim, a necessidade de importação de volume adicional de amêndoas (**Gráfico 1**). Em 2024, o recebimento de amêndoas por essas indústrias caiu 18,5% em relação a 2023, repercutindo no processamento que também foi menor (-9,5%).

Em contraste com os dados da AIPC, o volume de produção de cacau no Brasil, registrado pelo IBGE, tem sido superior à capacidade de moagem desde 2021 (**Gráfico 1**), portanto, a necessidade de importação não está correlacionada apenas com o volume de produção nacional. Um dos fatores que certamente influenciam na decisão da indústria é a dificuldade de logística, pois mais de 50% da produção brasileira está no Pará, sendo que o parque moageiro está concentrado na Bahia. Assim, é provável que em determinados momentos, seja mais vantajoso para a indústria importar.

Vale salientar que, a importação de cacau em amêndoas no Brasil é contemplada pelo sistema *drawback*, incentivo concedido às empresas fabricantes-exportadoras, que permitem importar, livre do pagamento de tributos e taxas, itens destinados a integrar um produto com a condição básica deste ser exportado. De acordo com Zugaib (2016), a importação de cacau via *drawback* no Brasil tem como vantagens: a geração de emprego, a formação de *blends* para obter o chocolate e a continuidade das empresas processadoras no parque moageiro brasileiro e, como desvantagens, cita o risco de importação de pragas e doenças, a redução da arrecadação e a queda do prêmio em relação ao preço de cacau no mercado interno.

Gráfico 1 – Recebimento, moagem, importação e capacidade de moagem da indústria brasileira de cacau e produção brasileira de cacau



Fonte: IBGE (2025), Agrostat (2025) e AIPC (2025).

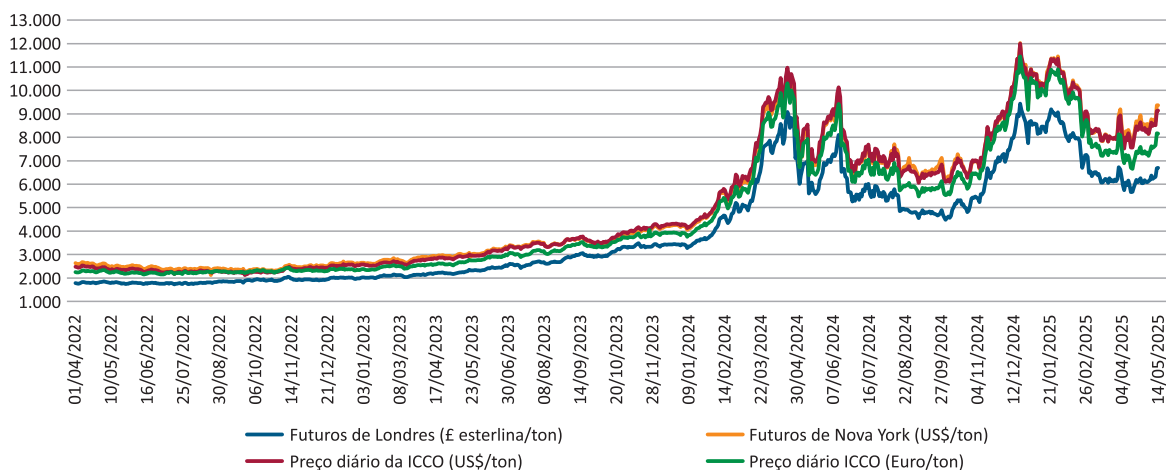
O preço das amêndoas de cacau no Brasil tem como base a cotação do produto na Bolsa de Nova York. A cotação do dólar, o custo logístico e a tributação também influenciam no preço da amêndoa no mercado interno. No final de 2023, o preço mundial do cacau começou a se valorizar fortemente

(Gráfico 2) em decorrência do déficit global do produto; nesse ano, problemas climáticos adversos causados pelo El Niño, juntamente com a ocorrência de pragas e outros problemas, levaram à quebra de safra na África Ocidental, mais especificamente na Costa do Marfim e em Gana. O expressivo aumento dos preços do cacau teve impacto na indústria mundial, porém, a demanda por chocolate, que se mostrou inicialmente resiliente, e as incertezas com relação à evolução das condições climáticas na África, causaram grande instabilidade dos preços em 2024.

O preço internacional influencia fortemente a cotação do cacau no mercado interno, que saiu de uma média de R\$22,0/kg no início de 2024 na Bahia, para R\$55,0/kg em junho **(Gráfico 3)**, valorização de 60%. Em julho e agosto, a cotação do produto começou a recuar como reflexo do cenário internacional, porém, logo em seguida, o produto voltou a se valorizar fortemente chegando a R\$ 64,0/kg em dezembro. No início de 2025, as boas perspectivas de melhora na colheita da safra temporã na África e o aumento dos estoques nos EUA provocaram recuo do preço em todas as regiões, mas em abril, a cotação do produto voltou a se valorizar.

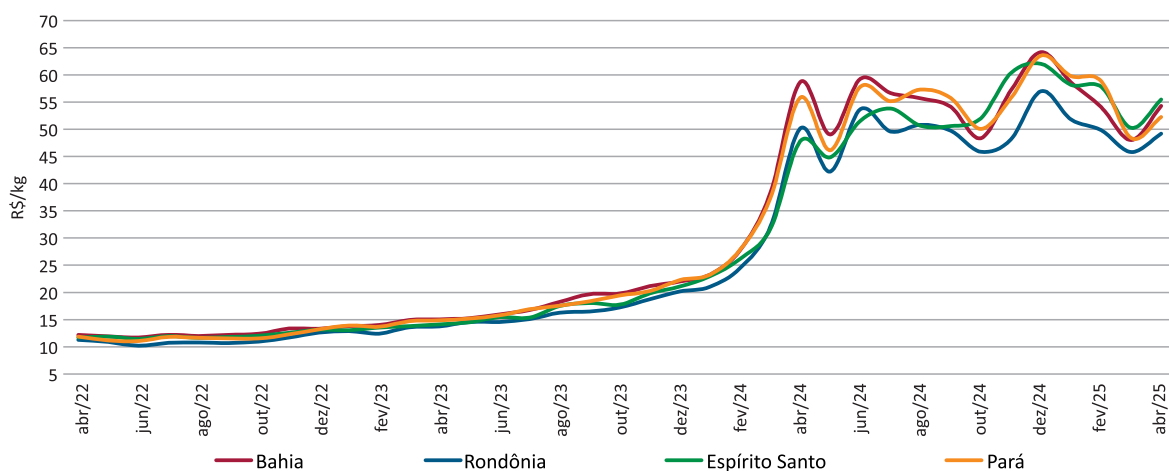
O mercado consumidor de cacau e seus derivados se mostra cada vez mais exigente quanto à transparência da origem dos produtos, bem como com as práticas sociais e ambientais adotadas na produção. A demanda por chocolates especiais, com alto teor de cacau, orgânicos, de variedades⁴ e com outras certificações, como a identificação de origem, é crescente. No Brasil, existem quatro regiões com Indicação Geográfica para o cacau: Sul da Bahia, Tomé-Açú no Pará, Linhares no Espírito Santo e Rondônia.

Gráfico 2 – Preço internacional de grãos de cacau (abr. de 2022 a abr. de 2025)



Fonte: ICCO (2025).

Gráfico 3 – Preço pago ao produtor de amêndoa de cacau no Brasil (R\$/kg)



Fonte: Conab (2025).

Nota: *Valor deflacionados pelo IGP-DI para abr. 2025.

4 Barras de chocolate feitas a partir de uma única espécie de cacau.

3.1 Mercado externo

O Brasil praticamente não exporta cacau inteiro ou partido, predominando o envio de chocolate e preparações alimentícias contendo cacau, seguido de cacau em pó e manteiga de cacau (**Tabela 10**).

Desde 2019, o Brasil é oficialmente reconhecido pela Organização Internacional do Cacau (ICCO) como país exportador de 100% de cacau fino e de aroma. O principal destino das exportações brasileiras de produtos de cacau são a Argentina, que recebeu 38,9% do volume exportado em 2024, EUA (13,2%) e os Países Baixos (9,3%).

Em 2024, houve forte crescimento do faturamento com as exportações nacionais e nordestinas de produtos de cacau, 71,2% e 119,7%, respectivamente, resultado da forte valorização do cacau e dos produtos do cacau no mercado externo. O volume exportado ficou praticamente estagnado em relação a 2023 (**Tabela 10**).

A Bahia, onde estão localizadas grandes indústrias moageiras, responde quase que totalmente pelas exportações nordestinas de cacau e seus produtos, sendo também responsável pelo maior percentual das exportações nacionais (68,3% em termos de valor e 50,7% do volume em 2024). São Paulo é o segundo maior exportador no Brasil com 17% do valor e 33% do volume enviado ao exterior nesse ano.

O Nordeste exporta majoritariamente cacau em pó e manteiga de cacau, que representaram 49,5% e 39,7%, respectivamente, do volume das exportações nordestinas de produtos de cacau em 2024. Os principais destinos foram: Argentina, que recebeu 47,3% do volume das exportações nordestinas de produtos de cacau em 2023, Países Baixos (14%) e EUA (12,8%).

Tabela 10 – Volume das exportações nordestinas de cacau e seus produtos (em toneladas)

Produtos	Quantidade (Toneladas)				Valor (1.000 US\$)			
	2022	2023	2024	Var (%)	2022	2023	2024	Var (%)
Brasil								
Cacau inteiro ou partido	689,5	455,7	131,1	-71,2	2.632,8	2.030,3	649,1	-68,0
Produtos do cacau	84.015,4	88.898,3	90.497,3	1,8	342.975,8	370.943,9	634.983,8	71,2
Cacau em pó	23.445,1	24.880,0	24.958,9	0,3	74.147,5	83.099,7	119.593,8	43,9
Chocolate e preparações de alimentos contendo cacau	36.003,8	41.445,6	39.459,5	-4,8	141.891,3	167.027,3	175.322,6	5,0
Manteiga, gordura e óleo de cacau	18.193,9	16.145,9	18.985,4	17,6	102.343,9	94.436,6	284.104,1	200,8
Pasta de cacau	6.370,4	6.406,5	6.695,6	4,5	24.590,9	26.265,8	55.465,8	111,2
Total	84.704,8	89.354,0	90.628,5	1,4	345.608,6	372.974,2	635.633,0	70,4
Nordeste								
Cacau inteiro ou partido	209,7	197,9	74,9	-62,1	1.000,3	970,0	356,1	-63,3
Produtos do cacau	46.291,1	45.279,6	45.951,0	1,5	195.557,1	197.564,7	433.977,6	119,7
Cacau em pó	22.351,4	23.030,9	22.759,1	-1,2	70.720,7	77.747,7	111.918,0	44,0
Chocolate e preparações de alimentos contendo cacau	31,6	44,6	56,8	27,2	232,8	284,6	317,0	11,4
Manteiga, gordura e óleo de cacau	18.133,1	16.130,6	18.255,0	13,2	101.940,3	94.302,6	272.250,3	188,7
Pasta de cacau	5.774,9	6.073,2	4.726,6	-22,2	22.662,2	25.229,5	49.194,6	95,0
Total	46.500,8	45.477,4	46.025,9	1,2	196.557,4	198.534,7	434.333,7	118,8

Fonte: Mapa\Agrostat (2025).

As importações brasileiras de cacau inteiro ou partido variam bastante de acordo com a necessidade da indústria. Em 2023, houve forte incremento, tanto em termos de quantidade quanto de valor, já em 2024, o volume importado caiu (-40,7%), enquanto o faturamento cresceu 13,5% em relação a 2023, resultado da alta valorização do produto no mercado externo.

As importações de produtos do cacau, tanto nacionais quanto nordestinas, foram crescentes entre 2022 e 2024, sendo que o valor importado cresceu mais que proporcionalmente ao volume (**Tabela 11**). A Costa do Marfim é tradicionalmente a principal origem das amêndoas de cacau importadas pelo

Brasil. Por outro lado, a origem das importações dos produtos do cacau é diversificada, em 2024, os principais fornecedores foram: Malásia, Gana, Peru, Uruguai, Argentina, Alemanha e Costa do Marfim.

O Nordeste, por ser a Região onde está o parque moageiro, é a que mais importa cacau e seus produtos (57,3%) do volume importado pelo País em 2024, com dispêndio de US\$ 235 milhões (**Tabela 11**). A Região responde pela quase totalidade das importações de cacau inteiro ou partido e por 38,2% do volume importado de produtos de cacau.

Tabela 11 – Importações brasileiras e nordestinas de cacau e seus produtos entre 2022 e 2024

Produtos	Quantidade (Toneladas)				Valor (1.000 US\$)			
	2022	2023	2024	Var (%)	2022	2023	2024	Var (%)
Brasil								
Cacau inteiro ou partido	11.425	43.299	25.674	-40,7	27.577	110.281	125.226	13,6
Produtos do cacau	59.158	61.975	70.930	14,4	215.723	262.924	347.822	32,3
Cacau em pó	13.936	14.374	16.498	14,8	40.240	43.939	63.936	45,5
Chocolate e preparações de alimentos contendo cacau	16.711	19.368	20.494	5,8	121.324	161.334	185.424	14,9
Manteiga, gordura e óleo de cacau	452	554	865	56,3	2.050	3.075	11.045	259,2
Pasta de cacau	21.635	20.180	23.832	18,1	50.232	52.634	84.486	60,5
Total	70.583	105.273	96.604	-8,2	243.299	373.205	473.048	26,8
Nordeste								
Cacau inteiro ou partido	11.413	43.111	25.500	-40,8	27.527	109.891	124.758	13,5
Produtos do cacau	26.404	22.212	29.895	34,6	58.085	56.085	110.351	96,8
Cacau em pó	3.968	2.902	6.298	117,0	11.260	7.872	27.878	254,2
Chocolate e preparações de alimentos contendo cacau	147	301	422	40,3	794	1.896	2.679	41,3
Manteiga, gordura e óleo de cacau	240	256	348	35,8	915	984	7.062	617,6
Pasta de cacau	18.847	16.804	19.730	17,4	44.114	44.734	71.630	60,1
Total	37.817	65.322	55.396	-15,2	85.612	165.976	235.109	41,7

Fonte: Mapa\Agrostat (2025).

4 Algumas Ações Já Realizadas ou em Realização para o Setor no Brasil

- Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) para implantação da cultura do cacau em todos os estados da área do BNB. Por meio da Plataforma Painel de Indicação de Riscos, pode-se obter a lista dos municípios, com a indicação do risco conforme o período de implantação do pomar, irrigação e produção, considerando também o tipo de solo e outros fatores constantes nas Portarias elaboradas para cada estado;
- Plano Inova Cacau 2030, elaborado pelo Governo Federal por intermédio do Mapa/Ceplac, juntamente com a iniciativa privada representada pelo CocoaAction Brasil⁵; trata-se de um planejamento estratégico para a cadeia produtiva, no qual foram traçadas operações, ações e metas que visam não apenas aumentar a eficiência produtiva da cacauicultura brasileira, mas também melhorar a renda dos produtores, além de promover o uso sustentável dos recursos naturais. O plano foi estruturado em quatro eixos:
 - 1 - Econômico produtivo – objetiva aumentar a eficiência produtiva da cacauicultura brasileira e a renda dos produtores;
 - 2 - Social - visa à melhoria das condições de trabalho e à organização social dos produtores;
 - 3 - Ambiental – com vistas a promover a cacauicultura como alternativa de recuperação de áreas antropizadas e modelos de conservação produtiva, além de coibir o desmatamento ilegal;

⁵ Iniciativa da Fundação Mundial do Cacau presente no Brasil desde 2018, tem como objetivo unir os diversos elos da cadeia para fomentar o desenvolvimento sustentável do setor.

- 4 - Governança - para garantir a gestão e monitoramento do plano, engajando os diferentes elos da cadeia, maximizando o alcance das metas propostas (BRASIL, 2023).
- Desenvolvimento de técnicas de plantio para implantação do cacau em sistemas agroflorestais (SAFs), com o objetivo de expandir a atividade para diferentes regiões do Brasil. O cacau já está sendo plantado com palmeiras, frutíferas, seringueira e plantas medicinais;
 - Desenvolvimento do Projeto MapBiomias Cacau com o objetivo de mapear áreas potenciais para SAFs com cacau no Sul da Bahia;
 - Resultados de pesquisas sobre a produção de cacau no Semiárido e Cerrado, com elevada tecnologia e produtividade;
 - Lançamento da Unidade Mista de Pesquisa e Inovação (UMIPI) do Cacau, em Ilhéus, na Bahia; iniciativa da Ceplac e da Embrapa para fortalecer a cadeia produtiva do cacau através de parceria para pesquisa, transferência de tecnologia e inovação;
 - Em 2019, o Brasil foi oficialmente reconhecido pela Organização Internacional do Cacau (OIC) como país exportador de 100% de cacau fino e de aroma, identificado por apresentar sabores diferenciados. Para a certificação, a OIC leva em consideração as características genéticas (origem), local (terroir) e o tratamento das amêndoas pós-colheita. O cacau e o chocolate fino atendem a um nicho de mercado, pois possuem baixa participação nas transações comerciais se comparadas à produção de cacau como *commodity*, representando menos de 5% do total comercializado entre os países; entretanto, o preço do cacau fino é mais elevado do que o cacau comum ou a granel comercializado nas bolsas de valores (MAPA, 2019);
 - No Pará, o Instituto Amazônia 4.0 está promovendo, através dos “Laboratórios Criativos da Amazônia (LCAs)”, uma bioeconomia de produtos não madeireiros de alto valor agregado, dentre os quais chocolates aromáticos com a incorporação de especiarias da floresta (INSTITUTO AMAZÔNIA 4.0, 2023);
 - Indicação Geográfica para o cacau do Sul da Bahia, Tomé-Açú no Pará, Linhares no Espírito Santo e Rondônia;
 - O Mapa, por intermédio da Ceplac, desenvolveu e registrou a marca-conceito “Cacau CN Brasil (Cacau Carbono Neutro Brasil)” para uso comercial; essa certificação é referente à neutralização das emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) durante o processo de produção a partir do cultivo em Sistemas Agroflorestais (SAFs) (MAPA, 2022).

5 Desafios, Tendências e Perspectivas

Nas últimas safras, problemas climáticos e estruturais nos principais produtores mundiais de cacau geraram um déficit global do produto com conseqüente escalada dos preços. Para a safra 2024/25, apesar das melhores condições de clima, ainda existe imprecisão com relação ao volume da oferta mundial, gerando incerteza também no comportamento futuro dos preços, entretanto, as perspectivas são de que permaneçam elevados nos curtos e médio prazos, isso pode representar uma oportunidade para o Brasil.

Quanto à demanda, há perspectivas de que os atuais preços elevados podem levar à redução no consumo de produtos feitos a partir do cacau, que poderá contribuir para recuo nas cotações. Em contraste com esta tendência, é esperado crescimento da demanda por chocolate com altas percentagens de cacau. Assim, é necessário aumentar a produção de cacau de qualidade superior para possibilitar a expansão do mercado e a conquista de novos nichos de mercado, a exemplo do cacau fino e do orgânico.

No Brasil, os preços elevados do cacau estão estimulando novos investimentos no plantio em áreas não tradicionais, já existem cultivos em diferentes altitudes, biomas, sistemas de irrigação, solos e sistemas de produção (consorciado com diferentes culturas e a pleno sol) no Ceará, Norte de Minas, Alagoas, Sergipe, São Paulo, Tocantins, Mato Grosso, Semiárido e Cerrado da Bahia.

O cultivo em áreas não tradicionais pode aumentar rapidamente a produção nacional de cacau, sendo particularmente interessante para a diversificação da produção de pequenos produtores de frutas irrigadas, pois o cacau possui potencial de diluir os riscos de mercado já que pode ser estocado. Os maiores desafios nas áreas não tradicionais estão relacionados, à disponibilidade de mudas, ao desenvolvimento de variedades adaptadas a cada região e ao estabelecimento de redes de compras.

Devido a possibilidade de agravamento das condições climáticas extremas, para o estabelecimento da cultura em áreas não tradicionais, é primordial a realização de pesquisas para obtenção de clones de cacau resistente à seca e com alta capacidade produtiva.

O cultivo do cacau no Brasil é feito predominantemente em sistemas de produção cabruca e SAFs, que são importantes para a certificação ambiental do cacau brasileiro, aspecto muito valorizado atualmente no mercado mundial. Entretanto, os plantios em sistema cabruca estão com produtividade muito baixa; os principais desafios apontados por Fonseca e Rosa (2023) para a vitalização dos cultivos do cacau no sul da Bahia são: a melhoria no manejo das áreas de cultivo, a recuperação de áreas abandonadas e florestas degradadas e a escassez de mão de obra. Para melhorar a eficiência produtiva e a sustentabilidade das lavouras é fundamental a expansão da assistência técnica e extensão rural (ATER). Outra grande necessidade do setor é a melhoria da logística de transporte, pois grande parte da produção nacional se encontra distante do parque moageiro.

É importante a ampliação da oferta nacional de cacau, ao mesmo tempo, deve-se dar atenção aos investimentos no elo de beneficiamento para fortalecer a demanda por amêndoas, pois o crescimento da produção não é condição suficiente para resolver a situação de baixa rentabilidade do produtor de amêndoas. A maior oferta poderá resultar em queda no preço, mantendo o produtor na condição de baixa lucratividade.

Com relação à comercialização, os grandes desafios são a implantação de rastreamento e a produção em conformidade com o EUDR⁶ para atender às exigências do mercado internacional. Os países que mais importam amêndoas regulam o comércio internacional dos produtos derivados do cacau e, são ao mesmo tempo, os principais consumidores e exportadores desses produtos. Portanto, a implementação de práticas que coloquem o meio ambiente e a sustentabilidade como prioridade é condição indispensável para as empresas competirem e concorrerem em pé de igualdade no mercado global.

SUMÁRIO EXECUTIVO

Considerações gerais (cenários econômicos mundial e nacional)	No cenário mundial, as incertezas se intensificaram com a imposição de tarifas de importação pelos EUA. Conflitos armados, polarizações políticas e eventos climáticos extremos continuam comprometendo a eficiência das cadeias produtivas globais. No Brasil, a projeção para o PIB no primeiro trimestre de 2025 é de 1,6% e a expectativa para a inflação em 2025 subiu para 5% (SPE, 2025). As condições climáticas em 2025 têm se mostrado favoráveis com expectativa de aumento da produção de cacau.
Política cambial	O regime cambial atual do Brasil é o flutuante, por sofrer intervenções do Banco Central, é denominado “flutuante sujo”. O aumento das incertezas tem causado maior volatilidade nas taxas de câmbio. Nos cinco primeiros meses de 2025, a cotação do real frente ao dólar oscilou entre R\$/US\$ 5,61 e R\$/US\$ 6,21.

⁶ Regulamento da União Europeia que proíbe a colocação ou exportação de produtos no mercado da UE que não cumpram os seus requisitos de legalidade e sustentabilidade, com o objetivo de combater o desmatamento e promover práticas sustentáveis dentro das cadeias de suprimentos.

<p>Ambiente político-regulatório</p>	<p>Não existe regulamentação no que diz respeito ao mercado; o preço das amêndoas de cacau no Brasil tem como base a cotação do produto na Bolsa de Nova York; a cotação do dólar, o custo logístico e a tributação também influenciam no preço da amêndoa no mercado interno. A regulamentação do setor é estabelecida pelo Mapa e está relacionada a aspectos sobre fitossanidade, produção de mudas, classificação das amêndoas e zoneamento, com destaque para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Instrução Normativa 38/2008. Estabelece o Regulamento Técnico da Amêndoa de Cacau, definindo o seu padrão oficial de classificação, com os requisitos de identidade e qualidade, a amostragem, o modo de apresentação e a rotulagem; • Nota Técnica nº 6/2022/CGDPI-CEPLAC/CEPLAC/SDI/MAPA. Recomenda os melhores clones, de acordo com resultados de pesquisa, para fomento da cultura do cacau no Ceará; • Decreto nº 15.180, de 02 de junho de 2014 – Regulamenta a gestão das florestas e das demais formas de vegetação do Estado da Bahia, inclusive o sistema de produção cabruca. <p>Vale destacar, ainda, a Câmara Setorial Cacau e Sistemas Florestais que discute periodicamente os principais problemas do setor e o Plano Inova Cacau 2030, elaborado pelo Mapa/Ceplac/CocoaAction Brasil, no qual foram traçadas operações, ações e metas que visam aumentar a eficiência produtiva da cacauicultura brasileira, a renda dos produtores e promover o uso sustentável dos recursos naturais.</p>
<p>Meio ambiente (Efeito das mudanças climáticas)</p>	<p>Predomina no Brasil o cultivo do cacau em sistemas de SAFs ou cabruca que dão importante contribuição para a preservação da mata atlântica no Sul da Bahia e da floresta Amazônica. No contexto das mudanças climáticas, espera-se que condições extremas de seca e ondas de calor se intensifiquem com potencial risco de perdas agrícolas.</p>
<p>Nível de organização - (instituições de pesquisas específicas para setor, associações etc.)</p>	<p>Dentre as instituições que realizam pesquisas com cacau destacam-se: A Ceplac - Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, instituição pública de ciência e inovação para a cacauicultura e sistemas agroflorestais, vinculada ao Mapa; desenvolve ações de pesquisa, inovação e transferência de tecnologias, sendo reconhecida internacionalmente por seu portfólio de pesquisas voltadas ao cultivo e melhoramento genético do cacau; a UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus-BA; o IAC - Instituto Agronômico de Campinas, em Campinas-SP; e a MCCS - Centro Mars de Ciência do Cacau, em Barro Preto-BA. Vale nota, também, o Centro de Inovação do Cacau (CIC) em Ilhéus, que possui laboratório de análises de amêndoas. Dentre as associações e cooperativas, salientam-se: ANPC - Associação Nacional dos Produtores de Cacau; ACSB - Associação dos Produtores de Cacau Sul da Bahia; Coofasulba - Cooperativa da Agricultura Familiar do Sul da Bahia; Coopercabruca - Cooperativa dos Cacaucultores do Sul da Bahia; COOPFESBA - Cooperativa da Agricultura Familiar e Economia Solidária da Bacia do Rio Salgado e Adjacências; Coopercacau 1000 - Cooperativa Agroindustrial de Produtores de Cacau Ltda – Riachão das Neves/BA; Coopcacau - Cooperativa de Produtores de Cacau e Produtos da Floresta do Estado de Alagoas e a AIPC - Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau.</p>
<p>Perspectivas (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter, assim, no curto, médio ou longo prazo)</p>	<p>Em decorrência do forte aumento dos preços do cacau no último ano, é esperado aumento dos investimentos na cultura, tanto em tratamentos culturais como em implantação, condição que deve se manter nos curto e médio prazos. Para a próxima safra, as condições climáticas na África melhoraram, mas os estoques ainda estão baixos, de forma que as cotações devem se manter elevadas. A demanda mundial pode recuar diante dos elevados preços dos produtos de cacau.</p>

Referências

AIPC - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS PROCESSADORAS DE CACAU. **A cadeia de suprimentos do cacau brasileiro**. Disponível em: <<https://aipc.com.br/wp-content/uploads/2021/11/Folder-AIPC-Cadeia-de-Suprimentos.pdf>>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

BRASIL. **Plano Inova Cacau 2030: Estratégias para fomentar o desenvolvimento sustentável das regiões produtoras de cacau no Brasil**. MAPA/SDI/CEPLAC. Brasília, DF. 2023. 36p.

EMDAGRO. Pequenos agricultores ampliam produção de cacau em Sergipe com apoio do Governo do Estado. 30 de setembro de 2024. <<https://emdagro.se.gov.br/pequenos-agricultores-ampliam-producao-de-cacau-em-sergipe-com-apoio-do-governo-do-estado/#:~:text=A%20tend%C3%Aancia%20C3%A9%20que%20mais,Sergipe%E2%80%9D%2C%20informou%20Luiz%20Carlos>>. Acesso em: 23 de mai. De 2025.

FAO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO. **FAOSTAT**. Divisão de estatística. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/Q/QC/E>>. Acesso em: 08 de mai. de 2025.

FONSECA, M. G.; ROSA, M. **Mapbiomas Cacau. Mapeamento do cultivo sombreado de Cacau no Sul da Bahia**. 2023. Disponível em: <<https://brasil.mapbiomas.org/mapbiomas-cacau/>>. Acesso em: 07 de ago. de 2024.

ICCO - INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION. **Estatísticas**. Disponível em: <<https://www.icco.org/statistics/#tab-id-7>>. Acesso em: 01 de ago. de 2024.

INSTITUTO AMAZÔNIA 4.0. **Inovação e tradição no chocolate**. Disponível em: <<https://amazonia4.org/inovacao-e-tradicao-no-chocolate/>>. Acesso em: 06 de ago. de 2024.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2025a. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. **Produção Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp?o=27&i=P>>. Acesso em: 10 de mai. de 2025a.

_____. 2025b. SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL DO IBGE NO CEARÁ – SES/ C. Reunião de estatísticas agropecuárias do Ceará (REAGRO-CE). **LSPA municipal 2024**. Dez. 2024.

_____. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. **Censo Agro 2017**. 2017. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017/resultados-definitivos>>. Acesso em: 05 ago. 2024.

MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. Cacau do Brasil. MAPA/SDI/CEPLAC. Brasília, 2022. 12p. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/ceplac/publicacoes/outras-publicacoes/cacau-do-brasil-versao-portugues/view>>. Acesso em: 27 de jun. de 2024.

_____. Brasil é reconhecido como país exportador de cacau fino e de aroma. 13/09/2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/brasil-e-reconhecido-como-pais-exportador-de-cacau-fino-e-de-aroma>>. Acesso em: 07 de ago. de 2024.

_____. **Nota técnica Nº 21/2022. CGPI-CEPLAC/CEPLAC/SDI/MAPA**. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/ceplac/publicacoes/outras-publicacoes/nota-tecnica-no-21-2022-cgpi-ceplac-ceplac-sdi-mapa>>. Acesso em: 07 de ago. de 2024.

_____. Agrostat - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro. **Base de dados**. Disponível em: <<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>>. Acesso em: 13 de mai. de 2025.

SODRÉ, G.A. et al. **Cultivo do cacau no estado do Ceará**. Ilhéus, BA, CEPLAC/CEPEC. Boletim Técnico nº 209. 34p, 2017.

SPE - SECRETARIA DE POLÍTICA ECONÔMICA. Boletim macrofiscal da SPE. Maio de 2025. Ministério da Fazenda. Disponível em: <<https://www.gov.br/fazenda/pt-br/orgaos/spe>>. Acesso em: 11 de jun. de 2025.

ZUGAIB, A.C.C. A importação e exportação de cacau em amêndoas e derivados contemplados pelo sistema drawback. Ilhéus, BA. **Agrotropica**, v. 28, n. 3, p. 233-246, 2016.

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>